

## **O CARÁTER FORMATIVO DA FILOSOFIA SENEQUIANA**

**Carlos Alberto Medino da Rocha**  
Mestre em Filosofia pela UFPI

**RESUMO:** O presente artigo pretende discorrer sobre a perspectiva do caráter formativo da filosofia de Sêneca, filósofo romano – a qual aponta para um processo que deve ser praticado diariamente de maneira intensa e urgente por todos os seres humanos. Nesse contexto, é relevante destacar ainda o papel do mestre, bem como o exemplo e a vontade como contribuições para a formação do caráter na filosofia senequiana.

**PALAVRAS-CHAVE:** Sêneca. Estoicismo. Caráter formativo. Exemplo. Vontade.

**ABSTRACT:** This paper aims to discuss the perspective of the educational character of Seneca's philosophy, Roman philosopher - which points to a process that must be practiced daily in an intense and urgent way for all human beings. In this context, it is relevant also highlight the role of the educator as well as the example and will as contributions to the formation of character in Seneca's philosophy.

**KEYWORDS:** Seneca. Stoicism. Formative character. Example. Will.

O intento do filósofo romano Sêneca é, sobretudo, obter um aperfeiçoamento conduzido pela incessante busca de melhorar-se moralmente a cada dia. Mas esse ideal não é apenas uma prerrogativa do pensador, essa tarefa também merece ser destacada pelos demais homens, como ressalta ao seu discípulo: “Estudas perseverantemente e, deixando tudo o mais, apenas te aplicas ao teu quotidiano aperfeiçoamento: aprovo-te com satisfação, e não só te aconselho, como te peço que continues assim”.<sup>1</sup>

A necessidade do processo educativo é demonstrada por Sêneca ao seu discípulo Lucílio ao longo de todo um contexto enunciado nas *Cartas*, em que considera que a base desse aperfeiçoamento esteja notadamente fundada na razão: “Ninguém, a não ser que formado a partir da base e totalmente orientado pela razão, pode estar apto a conhecer todos os deveres e saber quando, em que medida, com quem, de que modo e por que razão deve agir”.<sup>2</sup> Ou seja, convém não apenas sermos capazes de agir e reagir face aos acontecimentos do destino, mas termos consciência dos fundamentos das nossas ações.

Assim, o bem agir corresponde no nosso entender ao saber cuidar de si mesmo, o qual só pode ser atingido mediante um exigente processo de educação do caráter. Daí que, segundo Sêneca, o processo formativo referente ao agir humano nutre como resultado a constituição de um homem capaz de desenvolver a racionalidade e a virtude em busca do agir bem e da vida feliz, ajustando-se dessa maneira ao preceito cunhado por Zenão: o homem deve viver segundo a natureza.

Além disso, Sêneca também nos alerta quanto à imprescindibilidade da correção da nossa alma. Sua inquietação está associada às consequências que as más tendências possam causar ao se consolidarem na nossa alma, como enfatiza: “[...] como se disse, começarmos a formar e a corrigir a nossa alma antes que as más tendências cristalizem”.<sup>3</sup> Todavia, mesmo a alma já estando contaminada, o importante é não se desesperar e manter o cuidado com ela de maneira intensa e resignada e, assim, diluir as

---

<sup>1</sup> Carta 5, 1.

<sup>2</sup> Carta 95, 5.

<sup>3</sup> Carta 50, 5.

más tendências que a atormentam: “nem assim eu desespero: com esforço persistente, com cuidados acurados e intensos, todas as más tendências serão vencidas”.<sup>4</sup>

Dessa forma, o filósofo não descuida e, atento à premência da formação, recolhe aos seus cuidados o seu discípulo: “[...] quando eu via a natureza do teu carácter, deitei-te a mão, aconselhei-te, estimulei-te, e não te deixei avançar com lentidão, fiz-te de imediato ir para a frente”.<sup>5</sup> Portanto, não há tempo a perder, pois de maneira enfática somos aconselhados pelo filósofo a essa mesma urgência: “Formemos, portanto, a nossa alma como se já estivéssemos no fim da vida. Não adiemos: ponhamos em dia as nossas contas com a vida!”.<sup>6</sup>

Com isso, destacamos que o ideal perseguido por Sêneca a ser alcançado a partir da educação do carácter é indispensavelmente o caminho do sábio. É o que esclarece a Lucílio ao observar que ele ainda demonstra certo apego ao tipo de vida que levava e, assim, conclui que ainda falta clareza para a vida a que há de ascender, a vida do sábio: “embora tenhas uma antevisão da vida sábia e tranquila a que irás aceder, o brilho aparente da vida mundana continua a atrair-te, como se o facto de abandonares a sociedade equivallesse a caíres numa de obscuridade completa”.<sup>7</sup> A respeito dessa visão ainda pouco clara do discípulo, Sêneca elucida informando-o que a vida a qual ele deve ascender é uma vida que irradia luz própria análoga a do sábio:

Estás enganado, Lucílio: passar da vida mundana à vida da sabedoria é uma ascensão! A luz distingue-se do reflexo por ter a sua origem em si mesma, enquanto o reflexo brilha com a luz alheia; a mesma diferença separa os tipos de vida: a vida mundana tira o seu brilho de circunstâncias exteriores, e o mínimo obstáculo imediatamente a torna sombria; a vida do sábio, essa brilha com a sua própria luminosidade! Os teus estudos farão de ti um homem ilustre e famoso.<sup>8</sup>

Certamente, os temas abordados por Sêneca e explicitados ao discípulo Lucílio nas *Cartas* sempre esboçam a preocupação do filósofo em não perder o objetivo de alcançar o melhoramento do homem. Esse, por sinal, é o ponto contundente do seu pensamento ao qual tudo está em estreita submissão. Aliás, é o próprio Sêneca quem socializa a sua intenção educativa e pedagógica:

<sup>4</sup> Carta 50, 6.

<sup>5</sup> Carta 34, 2.

<sup>6</sup> Carta 101, 7.

<sup>7</sup> Carta 21, 1.

<sup>8</sup> *Ibidem*, 2.

Estou trabalhando para a posteridade. Vou compondo alguma coisa que lhe possa vir a ser útil; passo ao papel alguns conselhos, salutares como as receitas dos remédios úteis, - conselhos que sei serem eficazes por tê-los experimentados nas minhas próprias feridas, as quais, se ainda não estão completamente saradas, deixaram pelo menos de me torturar. Indico aos outros o caminho justo, que eu próprio só tarde encontrei, cansado de atalho.<sup>9</sup>

Nessa direção, tendo como perspectiva o processo formativo, o filósofo elege como crítica o tipo de educação que considera tão somente o alcance de certas habilidades intelectuais em detrimento do melhoramento humano.<sup>10</sup> A escola, como assegura Sêneca, é um espaço em que “se investiga o que é o homem de bem, em que se aprende a ser homem de bem [...]”.<sup>11</sup> Se desviar-se dessa orientação, acaba por oferecer uma educação marcada apenas pelas ocupações teóricas visando a formar “homens eruditos” e não homens bons, os esforços tornam-se vagos, vãos e sem propósito. Sêneca adverte:

Gasta-se o engenho com questões supérfluas: estas teorias não tomam os homens bons, apenas os fazem eruditos. “Saber” é algo de muito mais vasto, e também mais simples: não são precisas muitas letras para nos darem um espírito bem formado; nós é que estamos habituados a desperdiçar tudo, e a filosofia não foge à regra. Sofremos de intemperança em tudo, até no uso das letras. Estudamos para a escola, não para a vida!<sup>12</sup>

Isso justifica o posicionamento do filósofo em apontar para um tipo de ensino que estivesse voltado especificamente para a promoção do homem e do seu entorno, mostrando-se contrário à referência de um ensino baseado em verbalismo, destituído de uma prática. Contudo, entende que esse mesmo conteúdo valorize certos aspectos do homem, mas lamentavelmente sem acrescentar-lhe nenhuma mudança: “sem dúvida será capaz de arquitetar argumentos cheios de agudeza, mas sem qualquer utilidade para a sua vida, já que não se torna mais enérgico, mais moderado ou mais elevado por isso”.<sup>13</sup> E, somente isso, nada mais.

---

<sup>9</sup> Carta 8, 2-3.

<sup>10</sup> São perfeitamente compreensíveis suas constantes críticas à educação de corte intelectual comprometida com a superficialidade, na qual se confundia cultura com sabedoria e instrução com educação. PEREIRA MELO, José Joaquim. *O sábio senequiano: um educador atemporal*. 247 f. tese (Pós-doutorado em História – UNESP- campus Assis). Assis, 2007a, p. 90.

<sup>11</sup> Carta 76, 4.

<sup>12</sup> Carta 106, 11-12.

<sup>13</sup> Carta 111, 2.

Por outro lado, o filósofo reconhece na filosofia o aspecto de encadeamento entre a teoria e a prática, “a filosofia, por seu lado, é em parte especulativa e em parte ativa, pois tanto se embrenha na contemplação como se atualiza através da ação”.<sup>14</sup> Ademais, se apresenta despida de teor intelectual, inspirando naquele que se aproxima uma fortaleza para o seu espírito: “Em contrapartida, quem fizer da filosofia uma terapêutica tornar-se-á forte de espírito, cheio de autoconfiança, atingirá uma altura inigualável e tanto maior quanto mais dela nos aproximamos”.<sup>15</sup> Dessa forma, Sêneca evidencia o objetivo da filosofia:

A filosofia não é uma habilidade para exhibir em público, não se destina a servir de espetáculo; a filosofia não consiste em palavras, mas em ações. O seu fim não consiste em fazer-nos passar o tempo com alguma distração, nem em libertar o ócio do tédio. O objetivo da filosofia consiste em dar forma e estrutura à nossa alma, em ensinar-nos um rumo na vida, em orientar os nossos atos, em apontar-nos o que devemos fazer ou por de lado, em sentar-se ao leme e fixar a rota de quem flutua à deriva entre escolhos. Sem ela ninguém pode viver sem temor, ninguém poder viver em segurança. A toda hora nos vemos em inúmeras situações em que carecemos de um conselho: pois é a filosofia que no-lo pode dar.<sup>16</sup>

Nesse sentido, “a filosofia, essa, ensina a agir, não a falar [...]”.<sup>17</sup> Não está reduzida a um escopo teórico, mas, como se pode observar pelas passagens acima, concretiza-se na vida enquanto exercício da virtude. Ela é capaz de configurar a nossa alma, modelando-a. Serve como base para as nossas ações, norteia toda a vida tornando-se o fundamento de orientação para as nossas atitudes e escolhas. Em suma, a filosofia assume um caráter de bússola que conduz a vida do homem por entre as tempestades, assegurando-lhe um porto seguro.

Decerto, a principal preocupação do filósofo estoico refere-se à finalidade moral da filosofia. Afirmar Sêneca que “é mais importante tornar-se mais virtuoso do que mais douto”.<sup>18</sup> É o que conclama o seu discípulo a fazer: “corrigir os costumes, reforçar tudo aquilo que esteja fraco, ainda retirar de todas as coisas proveito para a sua formação

<sup>14</sup> Carta 95, 10.

<sup>15</sup> Carta 111, 2.

<sup>16</sup> Carta 16, 3.

<sup>17</sup> Carta 20, 2.

<sup>18</sup> LI, William. Introdução. In: Sobre a brevidade da vida. São Paulo, Nova Alexandria, 1993, p. 16.

moral, de modo a reprimir as paixões nocivas. Estudar, sim, não para saber mais, mas para saber melhor”.<sup>19</sup>

É com esse mesmo intuito que o filósofo também pratica esse método, e ainda confirma que todos, em determinados momentos, necessitam de certa distração. Mas, até mesmo de uma simples distração é vital que se extraia algum proveito para sua formação moral. Assim, assevera Sêneca a Lucílio:

[...] Também nós, uma vez por outra, devemos distender o espírito e refazê-lo com alguma distração. Importa, porém, que a distração seja profícua; ora, se reparares bem, mesmo destas especulações poderás retirar matéria útil à tua formação. Caro Lucílio, é este o método que eu uso: de qualquer conhecimento, por muito afastado que seja da filosofia moral, faço sempre o possível por extrair algum elemento que ofereça utilidade. [...] Em que podem as “ideias” de Platão fazer de mim um homem melhor? Que posso eu tirar delas que me ajude a reprimir os desejos?<sup>20</sup>

Com efeito, o que importa para Sêneca é a vivência da doutrina estoica. Conhecê-la sem a devida aplicação na vida não corresponde exatamente ao ideal proposto pelo pensador romano: “[...] interioriza a filosofia no mais íntimo de ti mesmo e fundamenta a avaliação do teu progresso não em palavras que digas ou escrevas, mas sim na tua firmeza de ânimo e na diminuição dos teus desejos; comprova as palavras com atos!”.<sup>21</sup> Daí que Sêneca concebe como essencialmente importante saber avaliar se a filosofia é entendida apenas como uma forma de conhecimento ou se realmente é vivenciada.

Posto isso, vale ressaltar que para ele “o saber não se limita à compreensão das leis do universo e à busca de um fundamento da realidade, mas, sobretudo, diz respeito à formação do homem; aponta notadamente para o ideal do sábio”.<sup>22</sup> Assim, destaca o pensamento senequiano que a sabedoria consiste na plena realização da filosofia, podendo ainda ser definida como uma arte de vida.<sup>23</sup> De acordo com esse pensamento, enfatiza Pierre Hadot<sup>24</sup>, a filosofia é um modo de vida que está vinculado a um discurso

<sup>19</sup> Cf. Carta 89, 18, 23.

<sup>20</sup> Carta 58, 25-26.

<sup>21</sup> Carta 20, 1.

<sup>22</sup> Cf. LI, William. op. cit., p. 16.

<sup>23</sup> Cf. Ibidem. p. 16. Isto é, a filosofia adotada por Sêneca assume a condição da arte de viver, princípio recolhido dos antigos estoicos, que expressam que o saber de que necessitamos deve estar veiculado a *techne tou biou*, ou seja, a arte de viver.

<sup>24</sup> Cf. HADOT, Pierre. O que é a filosofia antiga? 2ª ed. São Paulo: Loyola, 2004, p. 18.

que corresponde efetivamente a uma escolha de uma maneira de viver e que exige daquele que a escolheu uma mudança radical e profunda. Ainda, apregoa que a filosofia é ao mesmo tempo amor e busca pela sabedoria e que a sabedoria é necessariamente um modo de vida que pode ser traduzido como um estado de paz e harmonia da alma.

Todavia, acrescenta Sêneca que a sabedoria não fora dada pelos deuses. O homem nasce desprovido da virtude; da natureza só recebemos as sementes que devem ser cultivadas, bem regadas para que se desenvolvam e frutifiquem: “A virtude, na realidade, não é um dom da natureza: ser bom necessita estudo”.<sup>25</sup> Por isso, essa é uma conquista que deve ser alcançada através de luta e de muito esforço, como declara a Lucílio, “ainda resta muito trabalho a fazer. Se desejas este objetivo, careces de muita atenção da minha parte, mas também de bastante esforço da tua”.<sup>26</sup> Desse esforço se atinge o alvo estabelecido:

A virtude autêntica, porém, só é possível a uma alma instruída, cultivada, uma alma que atingiu o mais alto nível através de uma contínua exercitação. Tendemos para esse nível, mas não o temos já de nascença; mesmo nos homens melhores, antes da iniciação filosófica, se pode haver matéria-prima para a virtude, não existe ainda a virtude.<sup>27</sup>

Nesse contexto, Sêneca notadamente afirma que somente pela filosofia é que se pode alcançar a virtude, assim os deuses nos deram a vida, contudo o viver bem é algo provido pela filosofia.<sup>28</sup> Ele ainda esclarece que, se os deuses por sua benevolência tivessem tornado a filosofia um bem comum a todos, ou seja, se todos nós já nascêssemos munidos de sabedoria, ela, no entanto, abandonaria sua principal característica: “que é precisamente o facto de não ser devida ao acaso. Tal como as coisas são, o que faz dela um bem precioso e supremo é o facto de nos não ser dada, de cada um a obter com o próprio esforço, de ninguém a poder ir tomar de empréstimo”.<sup>29</sup> Daí que Sêneca declara sua admiração ao perceber o esforço do discípulo em obter a virtude, ao vê-lo a progredir e, sem meias palavras, festeja a ascensão daquele que busca mesmo sitiado pelo cansaço o seu aperfeiçoamento moral. Assim, exclama o pensador:

---

<sup>25</sup> Carta 90, 44.

<sup>26</sup> Carta 27, 4.

<sup>27</sup> Carta 90, 46.

<sup>28</sup> Cf. *Ibidem*, 1.

<sup>29</sup> *Ibidem*, 2.

Mas quando o esforço visa a obtenção da virtude, nesse caso, quanto maior for a energia dispendida, quanto menores o cansaço e as concessões ao repouso, tanto maior será a minha admiração e o meu grito de incitamento:” Assim mesmo, coragem! Ânimo, tenta atingir o cume de um só fôlego!<sup>30</sup>

E diante daquele que atingiu o cume, o filósofo o descreve como belo, pois virtuoso é homem belo, “a virtude, de facto, passa bem sem ornamentos, antes tem em si mesma a sua beleza, além de dar formosura ao corpo que reside”.<sup>31</sup> É disso que ele trata na *Carta* 66 ao reportar-se a Clarano, um amigo e antigo discípulo, que apesar de não ter sido favorecido pela beleza física, foi adornado pela virtude. Como bem nota o filósofo:

De uma choupana pode sair um grande homem, num pobre corpo disforme e franzino pode morar uma alma grande e bela. Creio mesmo que a natureza se compraz em produzir homens assim como prova de que a virtude pode nascer em qualquer lugar. E se pudesse criar almas puras desprovidas de corpo, decerto faria; agora faz muito mais do que isso: cria homens fisicamente deficientes, mas nem por isso menos capazes de vencer todos os obstáculos. Creio bem que Clarano nasceu como exemplo, para que todos pudéssemos ver que a alma não sofre da deformidade do corpo, antes é este que se adorna com a beleza da alma!<sup>32</sup>

Com isso, não se pode avistar outro percurso traçado pela virtude, além daquele que é cotejado pelo belo, além de ser algo plenamente desejado: “Não há nada que suplante em valor e beleza a virtude; e tudo quanto fazemos em obediência aos seus ditames é um bem, e é, portanto, desejável!”.<sup>33</sup> Assim, conclui Sêneca ao aconselhar Lucílio mostrando-lhe que será necessário, antes de tudo, para construir a sua felicidade entender que “é bom tudo o que implica a virtude, é mal tudo o que incluir a presença do vício”.<sup>34</sup>

Por sua vez, o que determina se uma coisa é virtuosa ou reprovável é necessariamente se ela coaduna com a virtude ou o vício. Assim, temos nas palavras do filósofo o seu entendimento sobre o bem e o mal, respectivamente: “Em que consiste o

---

<sup>30</sup> Carta 31, 4.

<sup>31</sup> Carta 66, 2.

<sup>32</sup> Ibidem, 3-4.

<sup>33</sup> Carta 67, 16.

<sup>34</sup> Carta 31, 5.



bem? Na ciência. Em que consiste o mal? Na ignorância”.<sup>35</sup> Nesse contexto Sêneca anuncia o papel da virtude, visto que se distância dos vícios:

A virtude é algo elevado, excelso e régio, invencível, infatigável; o prazer é baixo, servil, fraco, passageiro; seu lugar e morada são os bordéis e as tavernas. Encontrarás a virtude nos templos, no foro, na cúria, em pé diante das muralhas, coberta de pó, tez queimada pelo sol, mãos calejadas; o prazer, pelo contrário, muitas vezes o verás escondido, em busca das trevas, ao redor dos banhos, saunas e nos lugares temerosos da vigilância do edil, mole, desfibrado, gotejando vinho e perfumes, descorados, maquilados, embalsamado como um cadáver.<sup>36</sup>

Por seu turno, a filosofia se constitui como uma técnica da vida feliz, sua tarefa é conduzir o homem rumo à reta ação. Com esse objetivo em mente, é necessário compreender que, “já que a filosofia é uma *ars vitae*, e que a moral, portanto, é prática da moral, deve haver perfeita concordância entre a doutrina e ação”.<sup>37</sup> Viver a filosofia significa, portanto, poder alinhar as ações às leis que regem o saber filosófico, de modo que a ação de cada indivíduo não seja incompatível com suas próprias palavras. Por esse esforço, conclama o filósofo: “adopta de uma vez por todas uma regra de conduta na vida e faz com que toda a tua vida se conforme com essa regra”.<sup>38</sup>

Dessa forma, o tipo de estudo ao qual se destina a filosofia vai além do conhecimento das coisas, visto que se caracteriza na aplicação da virtude e na prática do bem. Com isso, Sêneca nos afirma que é praticamente impossível encontrar a filosofia sem a virtude, bem como a virtude sem a filosofia,<sup>39</sup> uma vez que o fim pretendido pela atividade filosófica revela-se particularmente numa vida sábia, e é próprio do sábio realizar uma vida no bem.<sup>40</sup>

Certamente, tendo a filosofia o papel de conduzir o homem pela via do seu aperfeiçoamento, conferindo-lhe a salvação e a plena realização da sua vida na virtude, tal atividade notadamente terá como recompensa “a liberdade permanente, a ausência de receio quer ante os homens, quer ante os deuses”.<sup>41</sup> Portanto, eis a nossa meta, onde devemos chegar – a liberdade. Segundo nos afirma o filósofo, a liberdade se subscreve

---

<sup>35</sup> Ibidem, 6.

<sup>36</sup> Da vida feliz, VII.

<sup>37</sup> Cf. LI, William. Introdução. In: Sobre a brevidade da vida. São Paulo, Nova Alexandria, 1993, p. 17.

<sup>38</sup> Carta 20, 3.

<sup>39</sup> Cf. Carta 89, 8.

<sup>40</sup> Cf. LI, William. op. cit., p. 17.

<sup>41</sup> Carta 17, 6.

exatamente quando o homem se encontra em total desapego das coisas, livre das suas necessidades e apto para lutar contra a fortuna. Assim, pondera o filósofo:

[...] Se um dia sairmos deste mundo de lama para as regiões sublimes e superiores, teremos à nossa espera a tranquilidade da alma e, eliminadas todas as causas do erro, obteremos a liberdade absoluta. Queres saber em que consiste a liberdade? Em não temermos nem os homens nem os deuses; em não desejarmos nada que seja imoral ou excessivo; em termos o maior domínio sobre nós próprios: sermos donos de nós mesmo é um bem inestimável.<sup>42</sup>

A isto acrescenta:

[...] Tu não podes escapar ao inevitável, mas podes vencê-lo! *Abre-se caminho à força*, e esse caminho será a filosofia a te indicar. Dedicar-te a ela, se de facto queres salvar-te, se queres viver seguro e feliz, se queres, enfim, e isso é o fundamental, ser livre.<sup>43</sup>

Por essa condição, a filosofia não pode ser relegada a um tipo de atividade em segundo plano, de menor valor. Sêneca esclarece que a dedicação para com a filosofia é de uma exigência capital. Cabe ao homem, primeiramente, dedicar-se à filosofia, eleger o tempo que for necessário para essa prática; o restante será dispensado para outras atividades. E, ao que tange as demais ocupações, a filosofia é criteriosa em afirmar, segundo nos declara Sêneca:

[...] “eu não estou disposta a aceitar o tempo que vos sobejar, vós é que tereis apenas aquele de que eu não necessite”. Dirige todo o teu espírito para a filosofia, acompanha-a sempre, pratica-a sempre: uma enorme distância te separará dos demais homens; ficarás muito à frente do resto da humanidade, e os deuses pouco se distanciarão de ti.<sup>44</sup>

Do mesmo modo, o pensador assegura ao seu discípulo Lucílio que tanto ele quanto a filosofia são dignos um do outro, e que essa relação só precisa de um simples gesto de amizade para ser selada: “Tu és digno dela, como ela é digna de ti: uni-vos num recíproco abraço”.<sup>45</sup> E mais, como reforça Pereira Melo: “Nessa dinâmica pedagógica, que em última instância leva à aquisição da virtude e, com esta, à conquista

---

<sup>42</sup> Carta 75, 18.

<sup>43</sup> Carta 37, 3.

<sup>44</sup> Ibidem, 10-11.

<sup>45</sup> Ibidem, 8.

da felicidade, a liberdade e a filosofia desempenham papel decisivo. Ambas constituem a essência da conduta moral”.<sup>46</sup>

Diante disso, é possível ressaltar que a filosofia pelo seu processo educativo é capaz de romper os grilhões da escravidão humana, do seu tormento ante os homens e os deuses, libertá-la das enfermidades da alma, dos vícios e das paixões, do medo e do desejo, do seu estado de vencido. Enfim, tendo como resultado uma vida feliz revestida pela tranquilidade da alma.

Como já destacamos, em sua proposta formativa Sêneca aponta, especificamente, para o alcance do modelo do sábio. Para a filosofia do Pórtico, o sábio é aquele que segue os ditames da razão, está alinhado à natureza, não é guiado pela paixão, e o seu “caminhar” é sem orgulho - um homem virtuoso que abriga a sinceridade.

São inúmeros os adjetivos que evocam o sábio no estoicismo. Para Sêneca, o sábio basta a si mesmo, afirma ao amigo Lucílio explicando-lhe o sentido dessa máxima “[...] o sábio basta-se a si mesmo para viver uma vida feliz, não simplesmente para viver, na medida em que para viver carece de muita coisa, mas para ter uma vida feliz basta-lhe possuir um espírito são, elevado e indiferente à fortuna”.<sup>47</sup>

O sábio toma a direção dos seus desejos, deliberando apenas sobre aquilo que está ao seu alcance, tem a consciência que, das coisas que estão no mundo, umas são passíveis da sua escolha, outras estão fora do seu alcance. As que dependem de si são as suas opiniões, os seus movimentos, desejos e ações. É nesse contexto que o sábio não se perturba diante dos acontecimentos; sua postura é manter-se imóvel diante das agruras advindas.

Em todo caso, o que perturba o homem são singularmente as opiniões que dele decorrem sobre as coisas. Dito de outra forma: o homem se deixa abalar pelos acontecimentos, principalmente ao opinar sobre eles, por vezes, acusando de mau aquilo que de fato não é; portanto, deve-se estar atento ao apontar as coisas – antes, devem-se apontar suas próprias opiniões.

Como bem marca Gazolla, o papel do sábio no discurso estoico se reveste da relação entre o sábio e o insensato, em que ambos são dados como estados permanentes

---

<sup>46</sup> PEREIRA MELO, José Joaquim. O sábio e o processo educativo senequiano. In: Revista Cesumar – ciências humanas e sociais aplicadas. v. 09, n.02, jul-dez/2004, p. 56.

<sup>47</sup> Carta 9, 13.

de solidez. A busca por um modo de vida semelhante ao sábio se configuraria em uma ação inatingível, “transparece a antítese sábio-insensato. Ao mesmo tempo em que o Pórtico desdobra seu discurso, afirma que o sábio não é encontrável”.<sup>48</sup>

Assim, estaria fadada ao fracasso a ação formadora do Pórtico? Essa atitude não pode ser considerada, uma vez que a existência da figura do homem comum não se encontra nem no sábio e nem tampouco no insensato, restando para este o campo do agir moral, como bem enfatiza Gazolla, “nós, os homens comuns, somos aqueles que transitam no dia-a-dia, potencialmente entre as mudanças de estado, da virtude ao vício, da sabedoria à insensatez. Somos o campo de exercício da pedagogia estoica [...]”.<sup>49</sup> Com efeito, cabe ao homem comum, mesmo não sendo o sábio, elevar-se a homem virtuoso e com todo esforço alcançar a sabedoria. Contudo, estaria o homem sozinho nesse esforço de correção e cuidado com a alma?

Sêneca propõe, em sua filosofia, a presença do mestre como “diretor de consciência” na formação do indivíduo, pois o outro não tem por si só a capacidade de se desvencilhar dos vícios, das paixões, do egoísmo com suas próprias forças. Há, nesse processo, um caráter extremamente pedagógico e, como tal, carece da figura do mestre como educador para a formação do homem moral. Como já foi destacado, esse trabalho é direcionado tanto a Lucílio quanto a todos os seus leitores e ao próprio Sêneca que busca concomitantemente responder às inquietações da sua própria vida. Assim explica Sêneca:

“[...] Andamos à deriva entre resoluções contrárias; não conseguimos ser fiéis a uma vontade livre, absoluta, constante. Dirás tu que é prova de insensatez não ter um propósito contínuo, um interesse permanente. Mas dessa insensatez como e quando nos conseguiremos libertar? Por si só, ninguém conseguirá sair do remoinho; é necessário alguém que estenda a mão e ajude a pisar em terra firme. Diz Epicuro que certos homens conseguiram atingir a verdade sem qualquer auxílio, desbravando eles mesmos o seu caminho; para esses, que elevaram a si próprios espontaneamente, vão os seus maiores louvores. Outros há, contudo, que necessitam de apoio externo: são incapazes de marchar se não tiverem um guia, mas, tendo-o, avançarão animosamente.”<sup>50</sup>

<sup>48</sup> GAZOLLA, Rachel. *O ofício do filósofo estoico: o duplo registro do discurso da Stoa*. São Paulo: Ed. Loyola, 1999, p. 85.

<sup>49</sup> *Ibidem*, p. 85

<sup>50</sup> Carta 52, 1-3.

Portanto, para Sêneca é impossível, mesmo que se despenda um esforço total, que se consiga alcançar a sabedoria sozinho. Faz-se necessária a presença de um guia, um condutor de consciência que lhe acene o caminho, que lhe mostre os preceitos a serem seguidos em prol da sua formação. Dessa forma, a escolha do mestre enquanto guia e condutor da formação moral, deve atender ao princípio da admiração do discípulo em relação à boa conduta do mestre. A esse respeito o filósofo expõe:

Fica sabendo que o nosso espírito é deste último tipo: duro e trabalhoso. Caminhamos através de obstáculos. Lutemos, portanto, sem temer pedir o auxílio alheio. Perguntarás: “*Mas a quem, a quem hei-de pedir auxílio?*” Se queres um conselho, dirige-te aos antigos, que estão disponíveis: para nos auxiliar tanto podemos recorrer aos vivos como aos mortos. De entre os vivos, devemos escolher não aqueles que têm o verbo fácil e corrente, que repisam lugares comuns e se exibem em círculos restritos, mas sim os que comprovam as suas palavras com os próprios atos e ensinam o que devemos evitar sem nunca serem apanhados a fazer o que condenam. Em suma, escolhe para teu mestre alguém que te mereça admiração pelas ações e não pelas palavras.<sup>51</sup>

Com efeito, é possível observar os pontos demarcados pelo filósofo que se assentam detidamente no contexto da sua filosofia: o discípulo encontra como critério de escolha para o mestre a admiração concedida segundo as ações do mestre, visto que por essa condição o discípulo obterá como benefício a correção ou, ainda, o aperfeiçoamento do seu caráter. Com bem nota Sêneca:

De fato, quem convive diariamente com um filósofo obtém sempre algum benefício: ou o seu caráter se aperfeiçoa, ou se torna mais apto ou aperfeiçoar-se. O poder da filosofia é tal que beneficia inevitavelmente não só os iniciados, mas até os que a conhecem ocasionalmente.<sup>52</sup>

De igual modo, como se depreende do diálogo platônico *Alcibiades*, Sócrates desempenha, com esforço, a atividade de mestre e guia, tarefa que lhe fora confiada, e sem a qual a vida não teria sentido. Com efeito, sua maiêutica corrobora a necessidade de um guia na formação do homem, pois esse movimento não pode ser efetuado sem a intervenção do outro, a presença do mestre é fundamental e indispensável.

Em Sêneca, há explicitamente o reconhecimento do sábio-filósofo como pedagogo da humanidade, e o filósofo endossa essa relação com as palavras do seu

<sup>51</sup> Carta 52, 7-8.

<sup>52</sup> Carta 108, 4.

mestre Átalo, que ambos, mestre e discípulo necessitam objetivar o mesmo interesse, o primeiro será útil para que o segundo possa progredir.<sup>53</sup>

Decerto, Sêneca reconhece no diretor de consciência a influência de despertar no discípulo o espírito para o empreendimento da virtude, sendo este um modelo a ser seguido e observado. É preciso, sem dúvida, “termos acima de nós um mestre, alguém cuja aprovação procuremos, alguém que, por assim dizer, participe dos nossos pensamentos. [...] importante será viver como se estivéssemos sempre perante o olhar de algum homem de bem”.<sup>54</sup>

À luz da relevância do mestre, Sêneca reconhece-se como tal e expõe a alegria de observar o desenvolvimento do seu discípulo, em que também compartilha com este um elo de amizade, “tu estás ligado a mim, és obra minha”.<sup>55</sup> Com isso, o filósofo discorre sobre a satisfação do mestre ao ver o progresso do seu discípulo:

Se o prazer que o agricultor sente pela árvore culmina quando ela dá fruto, se a alegria do pastor lhe vem das crias do seu rebanho, se qualquer homem sente no filho que criou como que a própria adolescência, nós, educadores espirituais, que pensas tu que sentimos ao ver subitamente adultos os espíritos de que tomamos conta ainda débeis?<sup>56</sup>

Contudo, deve-se ressaltar sobre o progresso do discípulo que mesmo sem ter alcançado ainda o ideal proposto, é conveniente que ele possa usufruir do estágio em que já se encontra, ao passo que vai moldando o seu espírito em direção a um estado de equilíbrio para que possa ao mesmo tempo desfrutar dele. E nesse processo há uma grande expectativa por parte do mestre, visto que ele deve acompanhar os passos do discípulo como se fosse sua própria sombra. Donde Sêneca reveste-se de toda uma satisfação ao apontar para Lucílio o seu sentimento frente ao desejo de compartilhar com o amigo e discípulo a sua própria experiência, pois do contrário seria totalmente em vão o seu trabalho. Assim, enfatiza mais uma vez a responsabilidade assumida pelo mestre ante o seu discípulo. Vejamos o que testemunha Sêneca:

Tu não podes conceber de quanto importância se reveste para mim cada dia. “*Compartilha comigo tudo cuja eficácia experimentaste*” – dirás tu. Eu não

<sup>53</sup> Cf. Carta 108, 3.

<sup>54</sup> Carta 25, 5.

<sup>55</sup> Carta 34, 2.

<sup>56</sup> *Ibidem*, 1.

desejo outra coisa senão transmitir-te toda a minha experiência; aprender dá-me sobretudo prazer porque me torna apto a ensinar! E nada, por muito elevado e proveitoso que seja, alguma vez me deleitará se guardar apenas para mim o seu conhecimento. Se a sabedoria só me for concedida na condição de a guardar para mim, sem a compartilhar, então rejeitá-la-ei: nenhum bem há cuja posse não partilhada dê satisfação.<sup>57</sup>

Convém perceber que Sêneca nos indica mais um elemento da sua prática pedagógica, sobretudo em função do seu ensino, como guia e condutor de almas. Considera, como critério do seu ensino e prazer elevado da sua prática, a oportunidade de aprender para ensinar e tudo isso de modo recíproco: “Há que usar de reciprocidade: enquanto se ensina, aprende-se”.<sup>58</sup>

E, com isso, anuncia a relevância do discípulo em poder servir ao mestre, tanto quanto o mestre ao discípulo. “Não quero a tua presença apenas para que *tu* aproveites, mas também para que *me* aproveites: ambos poderemos ser muito úteis um ao outro!”.<sup>59</sup> Até mesmo o sábio que já atingiu a virtude carece da presença de outro sábio para alimentar e estimular sua própria virtude: “A sua função é praticar a virtude e manter a sabedoria num estado de perfeito equilíbrio”.<sup>60</sup> Há, nesse sentido, todo um jogo de trocas de maneira recíproca e obrigatória, pois alcançar a perícia na virtude só é possível mediante a prática, melhor ainda se essa tarefa se realizar na presença de outro. Como bem aponta Sêneca:

A perícia na luta só se adquire com a prática; dois músicos aproveitam melhor se estudarem em conjunto. O sábio necessita igualmente de manter as suas virtudes em atividade, e por isso mesmo, não só se estimula a si próprio como se sente estimulado por outros sábios.<sup>61</sup>

Ainda sentencia o filósofo romano que compartilhar o que se sabe é um dos atributos de um mestre em prol do cultivo da alma. Contudo, o filósofo lamenta, afirmando que nem sempre esse resultado é alcançado, ora pelo descuido dos mestres, ora pela intenção (querer) dos discípulos: “Mas nem sempre o resultado é satisfatório,

<sup>57</sup> Carta 6, 4.

<sup>58</sup> Carta 7, 8.

<sup>59</sup> Carta 6, 6.

<sup>60</sup> Carta 109, 1.

<sup>61</sup> Carta 109, 2. Com isso podemos perceber que o filósofo aponta como sucesso do processo de educação do caráter o exercício contínuo das suas virtudes. Contudo, essa prática será ainda mais estimulante e enriquecedora caso seja desenvolvida concomitantemente entre o mestre e discípulo; do contrário o processo incorrerá num fracasso.

ou porque os mestres nos ensinam a argumentar e não a viver, ou porque os discípulos procuram os mestres não com a intenção de cultivarem a alma, mas sim de aguçarem o engenho”.<sup>62</sup>

E mais, sua crítica se estende ainda aos que se assentam nos bancos das escolas filosóficas apenas com o intuito de apreciar os belos discursos, com interesse de ouvir descuidado de qualquer aprendizagem, apenas como simples passatempo: “Não o faz para aprender a defender-se de algum vício, para interiorizar alguma lei moral que conduza ao aperfeiçoamento do caráter; vai lá apenas pelo prazer de ouvir”.<sup>63</sup>

Por conseguinte, pondera o filósofo sobre a autonomia do discípulo em relação ao mestre: “Não pretendo negar que sigo os meus predecessores; claro que os sigo, mas reservando-me o direito de descobrir; alterar ou abandonar alguma ideia; não sou escravo dos meus mestres, apenas lhes dou o meu assentimento!”.<sup>64</sup> Desse modo, de acordo com sua proposta pedagógica, Sêneca compreende que o discípulo, ao alcançar o seu aperfeiçoamento, não necessitará mais dispor do mestre, daí poderá dispensar o pedagogo; mas enquanto esse aspecto corretivo não for atingido, notadamente necessitará mirar-se sobre o exemplo de alguma autoridade.

Assim, avistamos no contexto pedagógico das *Cartas os exempla* - elemento didático utilizado por Sêneca para atingir seu objetivo de educar visando ao progresso moral do homem. Os *exempla* também eram reconhecidos como um recurso didático na sociedade romana.<sup>65</sup> Nesses termos, vejamos o que constata Henri-Irénée Marrou a respeito dos exemplos enquanto aporte didático:

Praticamente, a educação moral do jovem romano era alimentada por uma escolha de exemplos oferecidos à sua admiração; mas eram tirados da história nacional, e não da poesia heroica; o fato de muitos destes *exempla*

<sup>62</sup> Carta 108, 23. Sobre a crítica de Sêneca aos mestres que vivem em discordância com aquilo que apregoam ver Carta 108, 35-38.

<sup>63</sup> Carta 108, 6.

<sup>64</sup> Carta 80, 1.

<sup>65</sup> “Os mitos e *exempla* referentes aos grandes feitos de cidadãos romanos, registrados por historiadores, estadistas, filósofos e poetas romanos, contados, geração após geração, durante todo o período de existência de Roma, de sua fundação a sua decadência, ora com maior, ora com menor influência sobre os homens, possuíam uma função didática, justamente a de transmitir aos cidadãos romanos os valores pelos quais eles deveriam pautar suas ações para com a família, os deuses e, sobretudo, para com o Estado, gravar em seus corações a imagem, as representações de comportamentos e valores que se queria ver repetidos, imitados e emulados”. CARBONERO, A.L. ‘*Exempla Romana*’: homens de ‘gloria’ e mulheres de ‘honor’. In: Notandum. Brasil; Portugal: Hottopos. v.12. p. 31-42. 2005. Disponível em <http://www.hottopos.com/notand12/ale.htm>. Acesso em 17/05/2013.



serem legendários pouco importa: é como históricos que eram apresentados e revividos.<sup>66</sup>

Nas *Cartas*, encontram-se registrados diversos exemplos configurados a partir de personagens aludidos com a intenção de justificar as afirmações e ilustrar com concretude os problemas postos em debate. A proposta serve como meio para aquele que está sendo educado, aconselhado a tomar como referência o modelo a seguir ou, por outro lado, desaprovar e reter com censura. Nesse sentido, são propostos os exemplos que devem ser praticados ou contraexemplos que deverão ser rejeitados. Ambos devem colaborar com a constituição do sujeito ético.

Sêneca recorre a um variado grupo de personagens historicamente conhecidos. Na sua lista figuram nomes entre os quais podemos citar Sócrates, Platão, Catão, Júlio César e Augusto, e, ainda, as figuras míticas de Dédalo ou Ulisses. Contudo, Sêneca não se furta a exprimir o seu pensamento diante de todas as figuras que se apresentam nos *exempla*, uma vez que a intenção do filósofo é assegurar para o discípulo, dentro do contexto desenvolvido, uma amostra concreta que possa levá-lo a perceber melhor as circunstâncias apresentadas em uma dada situação, o que nos faz entender que de forma alguma a exposição dessas figuras permeia o caráter de pura ornamentação, uma vez que as figuras são apresentadas às vezes como “exemplos a imitar, outras como exemplos a condenar, sempre com o intuito inequivocamente moralizante”.<sup>67</sup> É o que proclama também Marco Aurélio nas suas *Meditações* em relação a seguir os bons exemplos: “Nos escritos dos efésios figurava o conselho de lembrar-se amiúde de um dos antigos que praticavam a virtude”.<sup>68</sup>

Deste modo, exorta Lucílio a perceber a importância que se deve dar aos olhos em detrimento do ouvido, uma vez que a eficácia do exemplo procede pelo observar e não pelo ouvir. É nesse contexto que Sêneca relembra ao discípulo o exemplo de Cleanto, pois, se acaso tivesse apenas ouvido os ensinamentos de Zenão, não teria apreendido com tanta veemência o ensino do mestre: “ele participou da vida do mestre,

<sup>66</sup> MARROU, Henri Irénée. História da educação na antiguidade. Trad. Mário Leônidas Casanova. São Paulo: E.P.U., 1990, p. 366.

<sup>67</sup> CAMPOS, J. A. Segurado e. Introdução. In: SÊNECA, Lúcio Aneu. Cartas a Lucílio. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2009, p. XVII.

<sup>68</sup> MARCO AURÉLIO. Meditações, XI, 26.

penetrou nos seus segredos, observou até que ponto ele vivia de acordo com a sua doutrina”.<sup>69</sup>

Por outro lado, esclarece que, caso não se tenha mais à vista o exemplo a ser observado, cabe, então, relembrar dos bons exemplos, e, assim, segui-los, pois não será a falta da sua presença que destituirá a sua utilidade: “Embora o homem em si não o possamos ver mais, *a grande virtude do herói, a grande nobreza da sua raça continua a viver no nosso espírito*”.<sup>70</sup>

Como vimos, segundo o filósofo do Pórtico ninguém tem força suficiente por si mesmo para elevar-se ao seu progresso moral que, sobretudo é necessário outro que lhe sustenha. Todavia, todo esse movimento não será suficiente para o progresso moral do discípulo, uma vez que compreende que a força para gerenciar tal processo está no próprio discípulo. Com isso termina por eleger em sua doutrina a vontade como elemento indispensável para o aperfeiçoamento da consciência moral: “para seres um homem de bem só precisas de uma coisa: a vontade”.<sup>71</sup> A figura do mestre converte-se em mediador, aquele que orientará e estimulará a vontade do discípulo, pois “esta intervenção não seria frutuosa se não encontrasse capacidade e disposição naturais, apta para receber sua influência benéfica”.<sup>72</sup> Nessa direção, Sêneca destaca que o indício do progresso se instala quando a vontade se torna constante:

Quando quiseres verificar se fizeste algum progresso, indaga se a tua vontade de hoje é idêntica à de ontem: uma mudança de vontade é indício de que a alma anda à deriva, aparecendo aqui ou ali conforme a levar o vento! O que está fixo e bem agarrado ao chão não erra ao acaso: o mesmo sucede ao sábio consumado, e, por vezes, mesmo àquele que ainda se encontra em fase de aperfeiçoamento.<sup>73</sup>

A vontade ganha força no homem quando a sua meta aponta para o seu progresso moral, pois “não há vida filosófica, nem moral, sem um engajamento inicial da vontade fixando um objetivo, um fim último a todas as nossas ações”.<sup>74</sup> Notadamente, esse objetivo se traduz pelo soberano bem: “Sempre que quiseres saber

<sup>69</sup> Carta 6, 6.

<sup>70</sup> Carta 103, 30.

<sup>71</sup> Carta 80, 04.

<sup>72</sup> MONDOLFO, R. O homem na cultura antiga. Tradução de L. A. Caruso. São Paulo: Mestre Jou, 1968, p. 389.

<sup>73</sup> Carta 35, 4.

<sup>74</sup> OLIVEIRA, Luizir de. *Sêneca: uma vida dedicada à filosofia*. São Paulo: Paulus, 2010, p. 125.

qual a atitude a evitar ou a assumir, regula-te pelo bem supremo, pelo objetivo de toda a tua vida”.<sup>75</sup> É a vontade que deve regular a nossa vida moral em toda ou qualquer situação, até mesmo em meio as demais dificuldades que se possa enfrentar será possível afirmar: “Tem sido essa a minha vontade!”.<sup>76</sup>

A vontade em Sêneca não está ligada simplesmente a um impulso momentâneo e descontínuo. Se, de início, ela se apresenta como ímpeto (*impetus*), seu movimento posterior será tornar-se hábito (*habitus*), estabelecendo uma morada perene na alma. Como aconselha o filósofo, “conserva-o, dá-lhe forma, de modo a que esse ímpeto de hoje se torne configuração permanente da tua alma”.<sup>77</sup> Consequentemente, o passo seguinte será indubitavelmente manter-se perseverante, esse é o caminho para se manter firme em seus propósitos: “imprescindível persistir, é preciso robustecer num esforço permanente as nossas ideias, se queremos que se transforme em sabedoria o que apenas era boa vontade”.<sup>78</sup>

Não obstante, o filósofo assegura que poucos são aqueles que conseguem manter firme o curso de suas vidas, a grande maioria é levada de um lado para o outro como se fosse arrastada pelas águas de um rio. Mas, por outro lado, se quisermos seguir apenas por um único caminho, precisamos “fixar de uma vez por todas o que queremos e manter-nos firmes nesse propósito”.<sup>79</sup> Além disso, também aconselha que se deve querer e não querer sempre as mesmas coisas, isso é fundamental para o alcance da sabedoria,<sup>80</sup> bem como para a convergência entre os nossos propósitos e as nossas ações.

Com efeito, a luta persistente em direção ao aperfeiçoamento moral não diz respeito apenas ao seu discípulo Lucílio, mas também ao próprio Sêneca, o qual não se reconhece como sábio – *sapiens*, mas admite ser apenas um *proficiens*: “[...] um homem que sabe qual a meta ideal a atingir, e para lá caminha com o maior empenho conquanto saiba que ainda lhe falta muito a percorrer”.<sup>81</sup> De fato, o sábio não existe. Segundo Oliveira, a perspectiva que resta ao homem comum é cuidar de si com vistas ao aperfeiçoamento: “Portanto, o importante é nos ocuparmos de nós mesmos, homens que

<sup>75</sup> Carta 71, 2.

<sup>76</sup> Carta 34, 2.

<sup>77</sup> Carta 16, 6.

<sup>78</sup> *Ibidem*, 1.

<sup>79</sup> Carta 23, 8.

<sup>80</sup> Cf. Carta 20, 5.

<sup>81</sup> Carta 87, 4, nota 17.

aspiramos à sabedoria, mas que não somos, nem podemos jamais ser, sábios naquele sentido absoluto”.<sup>82</sup>

Nesse sentido, noticia o filósofo romano ao amigo Lucílio que as questões sobre o sábio devem ficar para outra oportunidade, pois Sêneca compreende que tanto ele quanto o seu discípulo ainda estão longe de alcançar o sábio. O que importa no momento é verter à atenção para o cuidado com as paixões violentas. Assim, assume Sêneca que ainda lhe falta muito a percorrer, ao compreender que aquele modo que ele mesmo considera definitivo e inabalável ainda não se fixou em seu espírito. Não obstante, aponta sem desanimar para a única solução a ser seguida:

[...] ser firme e avançar sem descanso. O caminho que resta percorrer é mais longo que o já percorrido, mas grande parte do progresso consiste na vontade de progredir. De uma coisa tenho eu plena consciência: quero progredir, quero-o com toda a alma! Sei que também tu estás cheio de entusiasmo no sentindo de buscar atingir a virtude com todas as energias. Avancemos, pois só assim a vida nos será de utilidade.<sup>83</sup>

Como ressalta Oliveira, “a virtude é assimilada a uma divindade compassiva que não exige de seus adoradores oferendas materiais, mas apenas uma vontade pura”.<sup>84</sup> Com isso, reconhece que “se o homem de bem é feliz, como proclamam os estoicos, a vontade, que basta para nos tornar bons, será também a condição da felicidade”.<sup>85</sup>

Com tal característica, a tarefa a ser empreendida refere-se à atitude do mestre em direcionar o discípulo à esfera da felicidade, inculcando-lhe a virtude como que a cravasse em sua alma: “Do mesmo modo, nos homens que desejamos aliciar para a verdadeira felicidade, devemos inculcar os princípios de base, devemos meter dentro deles a virtude. [...] é preciso que a amem, que queiram viver com ela, que não possam passar sem ela”.<sup>86</sup> Com efeito, esse é o caminho traçado por Sêneca para que o homem comum alcance a condição de um homem de bem, ou seja, somente por uma educação do caráter, estabelecida com persistência será possível ascender à virtude.

<sup>82</sup> OLIVEIRA, Luizir de. Sêneca: uma vida dedicada à filosofia. São Paulo: Paulus, 2010, p. 137.

<sup>83</sup> Carta 71, 36.

<sup>84</sup> OLIVEIRA, op.cit., p. 130.

<sup>85</sup> Ibidem, p. 130.

<sup>86</sup> Carta 95, 35.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BRUN, Jean. *O estoicismo*. Trad. João Amado. Lisboa: Edições 70, 1986.
- CAMPOS, J. A. Segurado. *Introdução*. In: SÊNECA, Lúcio Aneu. *Cartas a Lucílio*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2009, p. V-LIV.
- CARBONERO, A.L. 'Exempla Romana': homens de 'gloria' e mulheres de 'honor'. In: *Notandum*. Brasil; Portugal: Hottopos. v.12. p. 31-42. 2005. Disponível em: <http://www.hottopos.com/notand12/ale.htm>. Acesso em: 17/05/2013.
- DENUCCI, A.; JULIEN; A. *Encheirídion de Epicteto*. Edição Bilíngue. São Cristóvão: Ediufs, 2012.
- GAZOLLA, Rachel. *O ofício do filósofo estoico: o duplo registro do discurso da Stoa*. São Paulo: Ed. Loyola, 1999.
- HADOT, Pierre. *O que é a filosofia antiga?* 2ª ed. São Paulo: Loyola, 2004, p. 171.
- LI, William. *Introdução*. In: *Sobre a brevidade da vida*. São Paulo, Nova Alexandria, 1993.
- MARCO AURELIO. *Meditações*. In: *Epicuro. Lucrécio. Cícero. Sêneca. Marco Aurélio: Os pensadores*. Traduções e notas de Agostinho da Silva. Estudos introdutórios de E. Joyau e G. Ribbeck. São Paulo: Abril Cultural, 1973.
- MARROU, Henri Irénée. *História da educação na antiguidade*. Trad. Mário Leônidas Casanova. São Paulo: E.P.U, 1990.
- MONDOLFO, R. *O homem na cultura antiga*. Tradução de L. A. Caruso. São Paulo: Mestre Jou, 1968.
- OLIVEIRA, Luizir de. *A arte de cuidar de si*. In: CARVALHO, Helder B. A de, CARVALHO, M. C. M. (Org.). *Temas de Ética e Epistemologia*. Teresina: EDUFPI, 2011.
- \_\_\_\_\_. *Aprender a cuidar de si: Sêneca e o ócio criativo*. In: *Cadernos do Pet Filosofia*. Teresina, vol. 2, nº 3, 2011, p. 12-23.
- \_\_\_\_\_. *Sêneca: uma vida dedicada à filosofia*. São Paulo: Paulus, 2010.
- PEREIRA MELO, José Joaquim. *O sábio senequiano: um educador atemporal*. 247 f. tese (Pós-doutorado em História – UNESP- campus Assis). Assis, 2007a.
- \_\_\_\_\_. *O sábio e o processo educativo senequiano*. In: *Revista Cesumar – ciências humanas e sociais aplicadas*. v. 09, n.02, jul-dez/2004, p.50-60.

\_\_\_\_\_. *História da Filosofia Antiga. As escolas da Era Imperial.* Tradução de Marcelo Perine, Henrique C. de Lima Vaz. São Paulo: Ed. Loyola, 1994, volume IV.

SÊNECA. *As relações humanas: a amizade, os livros, a filosofia, o sábio e a atitude perante a morte.* Tradução Renata Maria Perreira Cordeiro. São Paulo: Landy, 2002.

\_\_\_\_\_. *Cartas a Lucílio.* Tradução, Prefácio e Notas de J. A. Segurado e Campos. 4 ed. Madrid: Fundação Calouste Gulbenkian, 2009.

\_\_\_\_\_. *Da vida feliz.* São Paulo: Martins Fontes, 2001.

\_\_\_\_\_. *Sobre a brevidade da vida.* São Paulo: Nova Alexandria, 1998.